

A Educação Somática como Perspectiva Inclusiva nas Aulas de Educação Física Escolar

Fábio Soares da Costa^I

Andreia Mendes dos Santos^I

Janete de Páscoa Rodrigues^{II}

^IPontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre/RS, Brasil

^{II}Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina/PI, Brasil

RESUMO – A Educação Somática como Perspectiva Inclusiva nas Aulas de Educação Física Escolar – A Educação Somática, como conjunto de técnicas corporais e processo relacional que tangencia nossa biologia, consciência e o meio ambiente, pode ser desenvolvida na escola com fins pedagógicos e conseguir constituir-se como meio de inclusão das diversidades corporais, comportamentais e de aptidão física. Essa assertiva induz a objetivar o desenvolvimento de reflexões sobre algumas experiências/pesquisas de Educação Somática no Brasil, com o intuito de iniciar uma discussão epistemológica para novas propostas curriculares de Educação Física Escolar que envolvam os princípios da Educação Somática na educação básica brasileira.

Palavras-chave: **Corpo. Currículo. Educação Física. Educação Somática. Inclusão.**

ABSTRACT – Somatic Education as an Inclusive Perspective in School Physical Education Lessons – Somatic education, as a set of corporeal techniques and a relational process that affects our biology, consciousness, and the environment can be developed in the school for pedagogical purposes. This education can further be a mean of including corporeal, behavioral, and physical fitness diversities. This assertion induces the development of reflections on some Somatic Education experiments/researches in Brazil, aiming to initiate an epistemological discussion for new curricular proposals of School Physical Education in Brazilian schools, involving the principles of Somatic Education in their K-12 education.

Keywords: **Body. Curriculum. Physical Education. Somatic Education. Inclusion.**

RÉSUMÉ – L'Éducation Somatique comme Perspective Inclusive dans les Cours d'Éducation Physique à l'École – L'éducation somatique, comme un ensemble de techniques corporelles et un processus relationnel qui touche notre biologie, la conscience et l'environnement, peut être développé dans l'école à des fins pédagogiques et peut être constitué comme un moyen d'inclure les diversités physique, comportementale et physique. Cette affirmation nous a conduit à objectiver le développement de réflexions sur certaines expériences/recherches d'éducation somatique au Brésil avec l'intention d'initier une discussion épistémologique pour de nouvelles propositions curriculaires d'éducation physique scolaire impliquant les principes de l'éducation somatique dans l'éducation de base brésilienne.

Mots-clés: **Corps. Curriculum. Éducation Physique. Éducation Somatique. Inclusion.**

Introdução

As aulas de Educação Física Escolar são objeto de intensa discussão em nossos dias. Sua base, constituída pelos campos da educação e saúde, tem sido plataforma de inúmeras pesquisas interdisciplinares nas duas áreas. Nesse contexto, continuamos uma discussão já iniciada por alguns pesquisadores como Miller, Oliveira, Sartori, Sousa, Bolsanello, Hanna, Vilarta e Boccaletto, que, ao resgatarmos na história a intersecção existente entre as disciplinas, apontam para uma necessária análise dessa relação, em uma perspectiva dialética, capaz de identificar aproximações, contradições e sobreposições teórico-metodológicas.

A Educação Física Escolar (EFE) é uma disciplina curricular obrigatória no ensino básico brasileiro, que objetiva, sobretudo, a democratização, a humanização e a diversificação da prática pedagógica da área, de modo a ampliar essas possibilidades aos estudantes, desde a perspectiva biológica até o desenvolvimento das dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais. A disciplina possui objetivos, conteúdos e critérios de avaliação específicos, sendo desenvolvida, atualmente, com base na construção de habilidades corporais a partir de vivências em atividades culturais, jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças. Atualmente, a EFE tem seu currículo orientado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e pelas orientações curriculares que cada estado da federação vem construindo. Suas finalidades convergem para o lazer, a construção de conhecimentos com e a partir do corpo, a expressão de sentimentos, afetos e emoções (Brasil, 1998).

Nesse contexto, corpo e movimento, a partir da sua centralidade na contemporaneidade, possuem importantes relações com as discussões sobre educação inclusiva. Assim, as práticas pedagógicas da EFE, influenciadas por aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais, assumem protagonismo singular, principalmente quando relacionadas à necessidade de que todos os estudantes participem ativamente dessas aulas. É nesse entendimento que acreditamos ser demasiado importante investigar como a Educação Somática, inserida ao currículo da EFE, com fins pedagógicos, pode constituir-se como meio de inclusão das diversidades corporais, comportamentais e de aptidão física na escola.

Discutir as relações que envolvem a inclusão nas aulas de EFE tornou-se interesse de reflexão, pois ocorrem a partir de observações empíricas e não conclusivas acerca de práticas curriculares excludentes na educação básica brasileira, voltada para o desenvolvimento de técnicas esportivas, como ginástica formativa e manifestações expressivas, e que, em menor grau, consideram o corpo como somático¹, *locus* de compreensão, subjetivação e promoção de saúde. Dessa forma, também refletimos sobre que promoções relacionadas à saúde geral a Educação Somática (ES)², como um conjunto de técnicas, abordagens pedagógicas e discussões, poderia produzir em jovens escolares de educação básica.

Em uma abordagem teórica inicial, por meio da busca exploratória documental da construção do estado do conhecimento com abordagem na ES, Costa e Strazzacappa (2015) constataram, em um levantamento sobre o número de artigos publicados em periódicos envolvendo a ES, no período de 2000 a 2010, que foram realizadas 79 publicações nas diversas áreas acadêmicas classificadas pelo WebQualis da CAPES, sendo que a área de Artes/Música apresentou o maior número de artigos publicados, 29, seguida da área da Educação Física, com 27 artigos.

Abordando especificamente a EFE, até 2016 identificamos a ausência de estudos e publicações acadêmicas, em repositórios científicos nacionais de referência³, que tenham desenvolvido atividades de ES referentes às aulas de Educação Física na escola. Esse é um dos alicerces que justificam esta pesquisa.

Podemos compreender a ES, em concordância ao que Miller (2012, p. 13) entende, pois para a autora, “[...] a educação somática consiste em técnicas corporais nas quais o praticante tem uma relação ativa e consciente com o próprio corpo no processo de investigação somática e faz um trabalho perceptivo que o direciona para a autorregulação em seus aspectos físico, psíquico e emocional”. No que diz respeito aos métodos educacionais desenvolvidos sob a vertente da ES, Vieira (2015) destaca, entre outros, a Ginástica Holística, o Método Feldenkrais, a Técnica Klaus Vianna, a Antiginástica, os *Bartenieff Fundamentals* e o *Body-Mind Centering*. Essas técnicas usam, de forma simultânea, a observação objetiva e a interpretação subjetiva da experiência como métodos de construção do conhecimento, considerando sempre a unidade corpo-mente.

Por outro lado, tais reflexões também se justificam pela intensidade com que os conceitos, significações e emergências entre corpo e inclusão circulam no ambiente escolar, durante as aulas e no cotidiano em que a Educação Física está inserida, pois considera a necessidade de repensar as mediações pedagógicas da Educação Física na escola para além dos aspectos biológicos, socioculturais e ambientais. É uma pesquisa que pressupõe mediações que privilegiem o soma, o “Eu, o ser corporal” (Hanna, 1972, p. 78). Assim, possui o intuito de identificar como a ES, como conjunto de procedimentos pedagógicos, pode tornar-se constituinte inclusivo na escola.

Nesse sentido, e a partir da premente necessidade de propor um conjunto de mediações pedagógicas como componente curricular da EFE, de maneira a potencializar o processo de inclusão de todos os estudantes nas aulas de EFE, e ressignificar, positivamente, as relações desses escolares com o seu próprio corpo, como *soma*, definimos como problema nuclear desta pesquisa o seguinte questionamento: que características e princípios da Educação Somática podem contribuir para o processo de inclusão das diversidades corporais, comportamentais e de aptidão física na escola?

A exploração teórico-metodológica para responder a esse questionamento se dá pela necessidade de investigar essas novas possibilidades, pois as contribuições, complementos e transformações próprios do campo educacional acontecem nesses entremeios. Por isso é importante investigar esses novos processos interdisciplinares.

A educação não pode mais ser desenvolvida a partir do estilo de pensamento (Fleck, 2010) dualizado, dicotômico e fragmentado da modernidade. O corpo pensa e pensamos com o corpo em simbiose, mutualidade, em uma perspectiva monista e holística. A educação, como processo, deve considerar cada vez mais estilos de pensamento não modais que se propõem, como aqui, para a Educação e a Educação Física.

Objetivos

Esta investigação objetiva discutir a constituição de novas possibilidades de educar pelo movimento, incluindo todos os estudantes nessas vivências educacionais, ao inserir novos dispositivos teórico-práticos próprio da ES. Apresentamos como a Educação Somática contribui nesse processo inclusivo como um conjunto de atividades físicas, mediação pedagógica, vi-

vência corporal de auto percepção do *soma* e no currículo escolar da educação básica.

O desenho teórico-metodológico foi sendo construído a partir de algumas questões norteadoras que passaram a orientar o planejamento de nossa investigação. Pela necessidade de explorá-las, assim passamos a nos questionar: como é desenvolvido o currículo escolar de Educação Física na Educação Básica? Como a ES pode ser inserida nas aulas de EFE? As intervenções da ES voltadas para o *self* corporal e que promovam a potencialização de um corpo mais sensível, vibracional, subjetivante e saudável podem constituir-se como meio significativo de inclusão das diversidades corporais, comportamentais e de aptidão física nas aulas de EFE?

Para além desses direcionamentos de pesquisa, acreditamos que as mediações pedagógicas da ES melhoram os níveis de aptidão física relacionados à saúde, a qualidade de vida e contribuem para a inclusão das diferenças na escola.

Educação e Educação Física Escolar

A Educação Física, em âmbito escolar, é uma disciplina ou conjunto de práticas pedagógicas, de história relativamente recente, pois remonta ao início do século passado, e que, apesar de outras incursões escolares relacionadas à ginástica e à dança, realizadas desde 1851, somente em 1929 foi introduzida como componente curricular em algumas escolas brasileiras. Intimamente ligada às políticas educacionais implementadas no País, a EFE, desde seu início histórico, teve como fundamentos o higienismo e a profilaxia da saúde. Por isso, nosso interesse (Sousa, 2015).

Tais características, aparentemente secundárias nas aulas de hoje, sempre ocuparam lugar cativo dentro das defesas da disciplina, ora com maior tenacidade, ora com maior desconfiança; todavia, por essas razões, entende-se que sempre há de estar presente nos fundamentos da disciplina dentro da escola, por isso resolvemos explorar suas relações no ensino básico, a partir de pesquisas empíricas e reflexões teóricas ancoradas em pensamentos de autores como Oliveira, Sartori e Laurindo (2014), Vilarta e Boccaletto (2008), entre outros.

Quando relacionamos Educação Física, escola e processos inclusivos, percebemos que a relevância da discussão se encontra nas possibilidades de

problematização de um estilo de pensamento teórico-metodológico, instaurado e vigente, tendo como perspectiva a oportunidade de novas possibilidades de se educar. As aulas de EFE correspondem a um fenômeno moderno em construção e a uma dinâmica ressignificação. Portanto, exercitar novas formas de pensar, por meio das contribuições dadas e em desenvolvimento, por correntes epistemológicas do campo da Educação Física, é salutar e necessário, fortalecem nossa pesquisa e contribuem para o desenvolvimento da ciência, do campo ou da disciplina de Educação Física, no âmbito escolar.

A Educação Física tem fortes, sólidas e fundamentadas relações com a área de conhecimento da Educação, em que se classifica dentro do Colégio das Humanidades e da grande área das Ciências Humanas (Brasil; Capes, 2014). Essa classificação se deve ao fato de que a Educação Física é um componente pedagógico desde a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, promulgada em 1961, até a mais recente, em vigor desde 1996, quando passou a ser considerada componente curricular obrigatório em toda a educação básica (Brasil, 1996).

Pensamos que a Educação Física é um elemento essencial para o desenvolvimento humano e social, a partir de uma perspectiva de educação continuada que promove melhorias no conhecimento corporal e nos domínios cognitivo, afetivo e motor de crianças, jovens, adultos e idosos. É um conjunto de atividades complexo, pois demanda aplicação do conhecimento científico do corpo e movimento humano, princípios, valores, atitudes, além de compreensão comportamental e sociocultural daqueles envolvidos no desenvolvimento de suas atividades planejadas e estruturadas. Contudo, nossa atenção está direcionada a uma de suas possibilidades, a EFE, em sua potência como mediação pedagógica de inclusão das diversidades corporais, comportamentais e de aptidão física.

Para Oliveira, Sartori e Laurindo (2014, p. 17, grifos nossos), a Educação Física escolar:

É o componente curricular obrigatório em todos os níveis da Educação Básica caracterizado pelo ensino de conceitos, princípios, valores, atitudes e conhecimentos sobre o movimento humano na sua complexidade, nas dimensões biodinâmica, comportamental e sociocultural. Essas dimensões constituem a base para uma nova compreensão sobre a abrangência e inter-

faces que fundamentam a Educação Física na escola, seja na perspectiva do movimento, **inclusão**, **diversidade**, cidadania, educação, lazer, esporte, saúde e qualidade de vida.

Essas considerações sobre a definição de EFE se coadunam com o perfil das orientações para o desenvolvimento da disciplina, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, desenvolvidos para o primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental. (Brasil, 1998).

Na escola deste início de século, percebemos que a Educação Física se desenvolve para a formação dos estudantes, principalmente quanto aos aspectos de aquisição de competências motoras e de um hábito de vida ativo, integrado à contextualização de conhecimentos gerais, sobretudo quanto às questões sociais, políticas, econômicas, tecnológicas e ambientais.

Sendo uma disciplina escolar que se diferencia das demais por sua forma vivencial em meio às práticas corporais, a EFE se organiza para proporcionar uma formação integral dos estudantes a partir de alguns objetivos, que para Oliveira, Sartori e Laurindo (2014, p. 18) são:

Proporcionar a aquisição de conhecimentos específicos relacionados ao movimento corporal; Proporcionar o desenvolvimento de competências e habilidades motoras que proverão o indivíduo de capacidade e autonomia que lhe permita escolher ou organizar a própria atividade física; Estimular hábitos favoráveis à adoção de um estilo de vida ativo e saudável; Promover a formação de uma cultura esportiva e de lazer; Estimular a participação efetiva da comunidade escolar, em especial a família; Discutir questões relacionadas à sustentabilidade ambiental; Relacionar conhecimentos sobre aspectos socioculturais, políticos e econômicos; Promover a harmonia interdisciplinar com outras áreas do conhecimento; Estimular a autonomia e o protagonismo social; Conhecer e aplicar as novas tecnologias à Educação Física; Promover a cultura da paz e respeito às diversidades; e Refletir sobre os valores e princípios éticos e morais.

O caráter psicomotor e sociocultural da Educação Física a torna necessária no ambiente educacional básico, no entanto, sua consolidação no interior da escola é um contínuo processo que tem se destacado por uma trajetória de discussões, contradições e ressignificações, que possui ancoradouros importantes, a saber, sob pena de não percebermos o real valor que a disciplina possui no desenvolvimento geral de escolares.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN)⁴, além de definirem uma proposta de educação básica, em seu art. 14, referendam as atividades físicas corporais como base de conhecimento, indispensáveis ao exercício da cidadania, respeitando-se o desenvolvimento integral do cidadão em seus aspectos orgânico e sequencial, reforçando a disciplina como componente curricular obrigatório da educação básica.

Nesse contexto, percebemos que a EFE, como complexo de atividades corporais, sociais, culturais e cognitivas, proporciona o estímulo ao raciocínio, vivência de conflitos, experiências práticas do cotidiano, concentração e participação, prazer no aprendizado e incorporação de hábitos saudáveis. Por isso, corroboramos com Vilarta e Boccaletto (2008), que pensam a escola como um importante espaço para desenvolver aspectos educacionais de prevenção e agravamento de doenças de crianças e adolescentes, no crescimento e desenvolvimento para uma vida de qualidade – um lugar para a construção do conhecimento e da autonomia de uma vida saudável.

Como componente curricular obrigatório da Educação Básica, a EFE é amparada pela Lei 9394/96, que a concebe como integrada à proposta da escola, sua realidade local e com carga horária flexível, a partir dessa integração de singularidades. Ao participarmos ativamente, quer como professores da Educação Básica ou do Ensino Superior, que vivenciam as práticas docentes durante estágios supervisionados, como pesquisadores da área da Educação, percebemos que a corporeidade é uma das mais intensas ligações que temos com o mundo. As atividades físicas, expressivas, esportivas e as vivências criativas de prazer e aprendizagem, por meio do corpo, fazem da Educação Física um conjunto de experiências essenciais para o contexto formativo e pedagógico da escola.

Uma das discussões epistemológicas mais acaloradas na EFE dá-se por seu currículo. E aqui não temos o objetivo de desenvolvê-la, mas apenas de recortá-la e realizar uma imersão no que se refere às questões de saúde e qualidade de vida, pois o exercício exploratório das diferentes abordagens e tendências pedagógicas da EFE requer tal delimitação. O currículo escolar da Educação Física é abrangente, pois o desenvolvimento de diversas competências nos escolares assim o exige. Envolve o esporte, os jogos e brincadeiras, a ginástica, a dança, as lutas e a saúde (Oliveira; Sartori; Laurindo, 2014; Brasil, 1998).

Quanto às relações que uma educação inclusiva possui com as aulas de Educação Física na escola, percebemos que este componente ocupa lugar em todas as tendências e abordagens pedagógicas, com especificidades em cada uma delas, como se observa nos estudos de Ferreira (2011), e como defendem Oliveira, Sartori e Laurindo (2014). Verifica-se que a EFE facilita o entendimento dos atributos e significados corporais, promove a reflexão sobre os movimentos corporais, seus limites e possibilidades, assim como desenvolve experiências positivas que geram habilidades, atitudes e hábitos voltados para um estilo de vida ativo, reduzindo as condições para o desenvolvimento de doenças e ampliando a discussão de temas relacionados a uma alimentação saudável, aos efeitos deletérios do uso de álcool e drogas, violência, higiene e sexualidade.

Inclusão, Diversidade e Educação Física Escolar

Na escola, *locus* de cuidado de todos, devemos perceber o desenvolvimento de uma EFE através da construção de conhecimentos e saberes interdisciplinares. É a construção de uma cultura escolar que considera a inclusão como constituinte importante de seu desenvolvimento, alicerçada pelas aulas de Educação Física, que vemos como potência de discussão neste cenário de pesquisa.

Uma exploração teórica sobre as tendências e abordagens pedagógicas da EFE nos fez entender que, em maior ou menor grau, todas as vertentes epistemológicas têm na inclusão, seja como meio, seja como fim, um escopo de prática. Assim, o desenvolvimento de atividades motoras que envolvam todos os estudantes, em conjunto, são características transdisciplinares encontradas em todas as abordagens. Todavia, isso não nos convence como algo suficiente, pois a busca por uma EFE capaz de ofertar uma multiplicidade de experiências motoras aos alunos por meio da ampla inclusão de conteúdos e métodos de ensino seria um viés a se considerar nessa proposição.

Nesse contexto, observamos que atividades físicas dentro e fora da escola são necessárias, entretanto, o monopólio da esportivização nas aulas deve ser repensado, pois as atividades esportivas estão se tornando um fim em si mesmo. Ademais, os alunos menos aptos tendem a abandonar as aulas na escola. Isso está relacionado o prazer, que deve ocupar o núcleo dos objeti-

vos das aulas, junto com o desenvolvimento de qualidades físicas como a flexibilidade, a força, a resistência e a coordenação motora.

O conhecimento sobre o corpo e o movimento, a diversidade de vivências e experiências proporcionadas pelas aulas de Educação Física, suas sociabilidades, afetos constituídos no desenvolvimento das dinâmicas pedagógicas, são aspectos que nos remetem a uma contribuição significativa com a prevenção e a promoção da saúde e, conseqüentemente, com a melhoria da qualidade de vida dos escolares. Ainda, contribui-se para a constituição de um indivíduo crítico, emancipado e com consciência corporal, um sujeito integral.

Muitos questionamentos devem ser amadurecidos, como a questão das relações entre saúde e estética como disciplina de corpo, as desigualdades socioeconômicas, a nutrição, o lazer, a educação como componentes do estado de saúde e, sobretudo, a necessidade de inclusão das diferenças em todas as atividades da disciplina. A imersão na cultura corporal do movimento e a atenção às dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, relacionadas à saúde, já se apresentam como um caminho fortuito para a melhoria na qualidade de vida dos estudantes, no entanto, isso não pode estar dissociado da capacidade que o aluno pode desenvolver, além de interferir em sua própria realidade social.

Frente a isso, o espaço/tempo em que se desenvolve a EFE possui suas limitações, assim como as demais disciplinas. Não obstante, a abordagem de temas correlatos e um planejamento, que consiga inserir nas aulas práticas e conteúdos referentes à promoção e aquisição de saúde, são prementes. Por isso, entendemos que o desenvolvimento de atividades escolares que privilegiem as orientações dos PCN e suas orientações voltadas para a inclusão, são alternativas satisfatórias para a promoção da saúde e da qualidade de vida de todos os alunos, sob a égide da Educação Física como determinante social importante desse processo, embora isso não seja ainda o bastante.

A EFE é, em si, assim como as demais áreas do conhecimento, uma importante rede de sentidos e significados, tornando-se mais um ambiente frutífero por suas possibilidades e complexidade, por sua potente capacidade de gerar a produção de novos saberes, inclusive sobre como incluir. Contudo, a especificidade da EFE é identificada na sua potência: a ampliar o conhecimento dos alunos sobre a necessidade de incluir as diferenças de forma

corporal e aptidão física, promovendo reflexões sobre valores éticos e morais, sobre seu corpo e suas sensações, limites e possibilidades. Assim, em uma perspectiva preventiva e, ao mesmo tempo, na intenção de ampliar e manter o estado de saúde dos educandos, por suas vivências corporais, dinamismo e atividades físicas planejadas, na EFE é potencializada a compreensão geral da educação do aluno como sujeito integral, com autonomia para realizar as atividades corporais na vida cotidiana.

A Educação Somática como Componente Curricular de Inclusão das Diferenças

O sentido para escolher a Educação Somática como conjunto complexo de atividades corporais importantes e significativas para a inclusão das diferenças na escola, com ressignificações positivas sobre as representações simbólicas dos corpos e a saúde desses escolares, é tributário de reflexões acadêmicas ao longo de nossa jornada profissional como professores de Educação Física em Escolas Públicas no Piauí e Maranhão.

Nossas vivências como docentes e em pesquisas empíricas, dentro e fora da escola de ensino médio e fundamental, possibilitaram a percepção de que a escola é uma rede de relações. Relações entre sujeitos ativos, caracterizados por suas irrepetibilidades, contudo, imersos em ambiência de reprodutibilidades. A reprodução dos movimentos, dos corpos, dos gestos, dos gostos, e a inconsciência de seus constituintes, marcam essa contemporaneidade da visão. Nesses dias, olhar, ver e ser visto se notabilizam pela supremacia em relação aos outros sentidos humanos, sobretudo ao tato, à sensação do corpo que parece mais estar constantemente anestesiado pelas visualidades. O entorpecimento visual capaz de automatizar nossos modos de agir e movimentar promove a dissociação de importantes experiências de corpo-eu⁵ (Djavan; Gomes-da-Silva, 2011), e deste com o mundo e seu corpo social. Para além desses aspectos, percebemos que as visualidades estéticas, normalizadas e que constroem padrões corporais, são demasiado excludentes.

Nosso direcionamento teórico-metodológico, para entender a ES, é fortemente filiado às práticas, estudos e publicações de Bolsanello (2016). Estudiosa da ES por longo tempo, disseminadora dos movimentos e expe-

rimentações da disciplina e entusiasta da capilaridade necessária que essas técnicas merecem.

Para Bolsanello (2016, p. 20):

A Educação Somática é um campo teórico-prático composto de métodos cuja intervenção pedagógica investe no movimento do corpo, visando à manutenção de sua saúde e o desenvolvimento das faculdades cognitivas e afetivas da pessoa através de uma mudança de hábitos psicomotores contraprodutivos.

Essa perspectiva tem origem no termo *soma*, que apresenta o corpo como vívido, total, sistêmico-ambiental, experimentado de dentro, em potente integração com sua existência fenomenológica e biológica. Esse termo originou a Somática, corrente de movimentos conceituado por Hanna (1986) como ciência relacionada com as artes, constituída por processos de interação sinérgica entre a consciência, a biologia e o ambiente. Por isso, na ES, o *soma* não se opõe à psique. Essa dualização não é possível naquilo que elegemos para investigar.

A ES desenvolve-se a partir de um estilo de pensamento que considera a indissociabilidade entre linguagem, pensamentos, emoções e as atividades biológicas neurais, fisiológicas e do movimento. A consciência é uma característica da vida, da autorregulação do corpo e de um complexo holístico integrado. Sua emergência é evidente em nossos dias, podendo-se encontrá-la nas clínicas fisioterápicas, hospitais, cursos de teatro, dança, como reeducação postural e educação do corpo. Bolsanello (2016, p. 28) diz que “[...] as aplicações do método de ES extrapolam o mundo das artes cênicas e se misturam hoje em clínicas de fisioterapia, consultórios terapêuticos, empresas, centros comunitários e projetos de inclusão social”. Todavia, como possibilidade de inclusão na EFE, ainda não foram desenvolvidos estudos nessa vertente da ES, o que torna esta proposta de análise desafiadora, porém necessária.

Mas, será isso possível? É plausível analisar, refletir e cotejar os campos, as disciplinas, os princípios?

Nesse direcionamento, Mendonça (2007, p. 97, grifos nossos) discorre sobre a ES:

Este campo se situa na intersecção das artes e das ciências que se interessam pelo corpo vivente; pertence aos domínios da saúde (reabilitação, fisioterapia-

pia, psicologia, atividade física); do desempenho esportivo (treinamento e competição de ponta); das artes (criação e interpretação); da filosofia (fenomenologia, construtivismo); da **educação** e do **ensino** em geral (bases corporais concretas do **aprendizado**); além disso, está dentro dos domínios dos estudos mais avançados da biomecânica, da meditação, da biologia sistêmica, das ciências cognitivas e das ciências do movimento.

Para a autora, esses tangenciamentos disciplinares expressam a complexidade da ES como novo campo, diversidade de conhecimentos em que as sensações, a cognição, a psicomotricidade, a efetividade e a espiritualidade estão em cambiante relação. É a capacidade de realização de uma leitura fenomenológica do corpo em que o aumento da consciência corporal é o fio condutor.

Bolsanello (2016) reforça esse pensamento quando diz que, na ES, as movimentações de percepção e consciência do movimento buscam uma expressão individual autêntica, em que se percebe o abandono do espelho como ferramenta de correção do movimento, como referência externa para um ajuste interno. Porque, se assim for desenvolvida, é adestramento. O adestramento não nos importa, pois pensamos a ES assim como Bolsanello (2016) e Miller (2012) pensam, como complexo de percepções e processo de investigação, em que todos são capazes, a partir de suas diferenças.

Para Miller (2012), o uso da Técnica Klaus Viana⁶ é um caminho escolar e de investigação, pois seus movimentos não se fecham em si, é um processo de aquisição acumulativa de habilidades corporais. É um processo de investigação, porque seus movimentos se constituem como caminhos para a construção de um corpo cênico, seus procedimentos não são cristalizados, nem estanques, mas sim estratégias propulsoras de um corpo transformador. Com a ES, pesquisamos, investigamos, refletimos com o corpo, pois o que se coloca como evidência é a subjetivação corporal.

A ES considera o corpo como múltiplo, natural e heterogêneo, e não procura sua restauração, ao contrário, olha sensivelmente para sua organização, sua educação. Assim, “Para ser educativo e somático, um método deve abordar o movimento do corpo incluindo o ponto de vista subjetivo do aluno. Não se ensinam e nem se aprendem movimentos. Trata-se de distinguir vários níveis de atenção” (Bolsanello, 2016, p. 30).

Nesse contexto é que a palavra aprendizagem adquire força singular na ES, apesar de figurar permanentemente entre as diretrizes da grande área da educação. A organização do sistema nervoso por intermédio do movimento é o que gera aprendizagem e o que produz a criação de uma imagem de si e do mundo pelo aprendente. Por isso, o que se faz é a criação de um contexto de aprendizagem em que o movimento é o que dá acesso à pessoa holística, ou seja, constituída de saberes transdisciplinares. A integração funcional entre seus gestos e ações é produzida pelo e com o movimento, ou seja, ao invés de se isolar/fragmentar as partes de nosso corpo, procura-se integrá-las.

É o que Bolsanello (2016, p. 20) reforça:

[...] a Educação Somática é um caminho de empoderamento na medida em que dá um contexto em que a pessoa entra em intimidade consigo própria e pode relacionar-se com os demais ancorado em suas forças e reconhecendo suas fragilidades. Gerda Alexander afirma que não se deve destruir as defesas de um aluno antes de permiti-lo mostrar sua capacidade a se sustentar sobre seus próprios pés.

Concordando com Bolsanello (2016) e Miller (2012), acreditamos que a relação entre professor e aluno é desenvolvida a partir da apresentação de alternativas por parte do educador e o exercício da escolha por parte do aluno. Os objetivos do educador devem ser pautados na ampliação da auto-organização, autocura e autoconhecimento, transferindo-se o empoderamento do corpo de uma autoridade externa à autoridade interna do aluno.

O educador deve ter o foco na ampliação do sentir, do perceber e do agir. Não deve se concentrar na apresentação de soluções, mas de questionamentos e alternativas. Duas perguntas são essenciais: como movimentar-me de forma mais confortável? E eficaz? Isso possibilita tomadas de consciência do movimento habitual e a percepção de que outras formas de se movimentar são possíveis, ou seja, há uma potencialidade de mudança.

Para Bolsanello (2016, p. 34):

O educador somático tem como matéria de trabalho, o movimento, a atenção e a percepção de seus alunos. Ele intervém no ambiente do aluno, indicando distintas organizações espaciais. O corpo do aluno interage com objetos, com o espaço, o peso, etc. Ele evita interpretar o corpo do aluno através de seus gestos. O educador não age no corpo com o objetivo de acesso a um conteúdo, nem estimular uma catarse.

Miller (2012) vislumbra a ideia de ES num entendimento de corpo soma, ou seja, o ser humano como um corpo integralizado. Não o corpo cartesiano mecanicista, mas, ao contrário, o corpo holístico vestido pelas experiências e pelos saberes deste século. Já Souza (2012) diz que esses métodos são fundamentados no aprofundamento da percepção corporal como chave para a transformação de padrões de movimento e atitudes motoras, bem como para o autoconhecimento.

Afirmamos que, para entender a ES, é preciso entender o raciocínio somático, pois as movimentações da ES objetivam uma reeducação cenestésica, estimulando os sistemas proprioceptivo e homeostático em consonância com a coordenação motora. Assim, integram-se as habilidades de locomoção, manipulação e estabilização e seu desenvolvimento termina por auxiliar na prevenção de lesões por esforço repetitivo, na percepção de atitudes posturais nocivas e de ações antálgicas à dor (Bolsanello, 2016). Para uma melhor compreensão desses conceitos, apresentamos a Figura 1, a seguir, que demonstra como a ES é orientada por princípios comuns aos métodos, por conceitos e pelos pilares de uma aula.

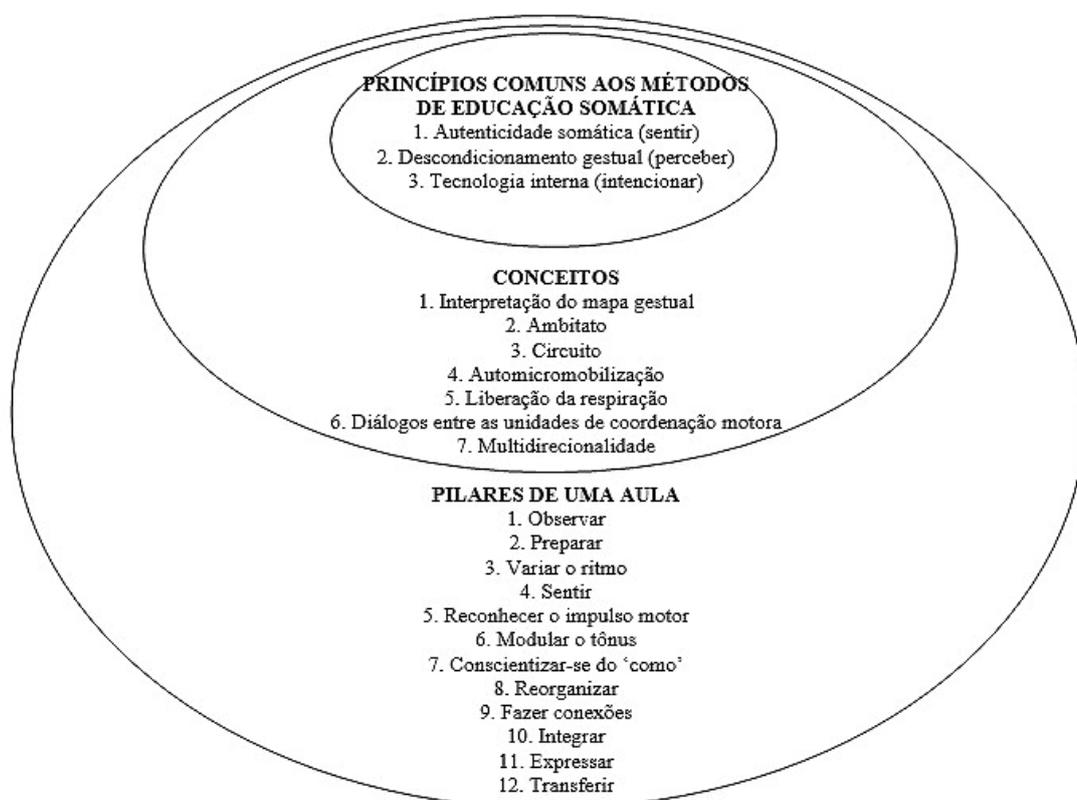


Figura 1 – Síntese de princípios, conceitos e pilares da educação somática. Fonte: Bolsanello (2016, p. 104).

O desenvolvimento das movimentações é orientado por doze pilares, aqui apresentados:

1. *Observar*: desenvolver a capacidade de investir sua atenção na observação *crua*, ou seja, um interesse por aquilo que é observado como fenômeno *nu*, sem a roupagem de julgamentos, análise nem interpretação.

2. *Preparar*: adotar uma posição adequada antes de fazer os exercícios.

3. *Variar o ritmo*: retardar ou acelerar o tempo de nascimento-desenvolvimento-morte do movimento.

4. *Sentir*: descer ao Reino das Sensações.

5. *Reconhecer o impulso motor*: perceber a iniciação do gesto, de onde o movimento nasce e até onde ele chega, no meu corpo e fora dele.

6. *Modular o tônus*: adequar o tônus ao tipo de esforço a ser realizado.

7. *Conscientizar-se do 'como'*: colocar sua atenção no processo do movimento.

8. *Reorganizar*: que caminhos encontro para fazer movimentos não habituais?

9. *Fazer conexões*: há conexões entre a minha maneira de mover-me e minhas dores, queixas, emoções, pensamentos, relações sociais, valores?

10. *Integrar*: aprender a diferenciar o antes e o depois da aula.

11. *Expressar*: apropriar-se das experiências e comunicá-las aos demais.

12. *Transferir*: reconhecer a transferência de aprendizagem e testemunhar as possíveis mudanças na qualidade dos gestos cotidianos ligados ao aprendizado da aula.

A ES é o tensionamento da norma (privilégio do conceito motor em detrimento do sensor). É a experiência do corpo sensível, do equilíbrio entre a atividade sensorial e a motora, de *olho* na sensação do movimento. A EFE precisa vivenciar isso, pois entendemos que a ES apresenta-se como uma alternativa para melhor qualificar o trabalho da EFE no contexto da inclusão e da educação integral. Os doze pilares compõem um escopo de oportunidades e múltiplas sensações ao aluno, uma condição ímpar para significar e ressignificar suas experiências, contribuindo para os processos de aprendizagem na escola.

Considerações Finais

Esta é uma pesquisa exploratória e bibliográfica que apresenta a Educação Somática como possibilidade curricular para a Educação Física na escola e que, sobretudo, propõe a inclusão como diretriz fundamental para o seu desenvolvimento. Deprendemos destas reflexões que a adoção de práticas pedagógicas na EFE, que levem em conta os conceitos e princípios comuns da educação somática, assim como os pilares de sua execução como atividade educacional, pode contribuir para a inclusão das diferenças de forma, comportamento e aptidão física nessas aulas. O foco na ampliação do sentir, do perceber e do agir, com ressignificações do paradigma fundamentado na apresentação de soluções, para outra abordagem que privilegie questionamentos e alternativas, parece-nos uma importante consideração curricular que pode promover maior inclusão das diferenças nas aulas de EFE. Assim, concluímos que a Educação Somática promove algo essencial na educação inclusiva: todos os alunos devem ter a oportunidade de aprender segundo a sua capacidade.

Também concluímos que as discussões sobre a inclusão das diversidades de corpo, comportamento e aptidão física são fortuitas para a área da Educação Física, sobretudo sob o ponto de vista epistemológico, pois contribuem para a produção social, simbólica, material, intelectual e de memória das relações entre as pessoas. Nesse direcionamento, as mediações pedagógicas que ocorrem nas aulas de Educação Física escolar têm importante papel nesses debates, pois construímos e somos construídos por nossos corpos e por uma grande diversidade de formas corporais inter-relacionais. Assim, relacionamo-nos política, social e culturalmente por meio das práticas corporais.

A Educação Somática tem fortes ligações com atividades relacionadas às artes cênicas, às danças, às terapias corporais e de reeducação do corpo. Possui um método específico e formas próprias de desenvolvimento do movimento humano, que remontam ao início do século XX, com origem na América do Norte e Europa (Bolsanello, 2010).

Com esta pesquisa, concluímos que a Educação Somática é constituída por atividades que investigam, junto com o sujeito, a maneira como ele se move. Dessa forma, as técnicas de Educação Somática, inseridas e desenvol-

vidas na condição de currículo das aulas de EFE, têm importante repercussão na inclusão das diferenças de cada estudante nessas aulas durante a educação básica.

A Educação Física na escola sempre teve grandes dificuldades em alcançar todos os alunos e cada um deles, ao mesmo tempo. Pensamos que um caminho é não defender padrões e normalidades em detrimento das particularidades. E a Educação Somática possui tal conceito como princípio a partir de seu descondicionamento gestual. Assim, concluímos que o respeito às particularidades, a valorização do risco da tentativa, o incentivo à expressão dos saberes e a constante, insistente e inarredável defesa da inclusão de todos nas aulas de EFE pode receber da Educação Somática uma valiosa e eficaz contribuição curricular.

Por fim, defendemos a interdisciplinaridade curricular nestas reflexões, uma vez que reconhecemos nela um caminho para se chegar a essa realidade proposta pela ES. Uma interdisciplinaridade que relaciona a Educação Somática às aulas de EFE, partindo de uma necessidade premente: temos que pensar que papel o educador somático/professor/educador físico pode desempenhar nesse caminho que aponta a Educação Somática como possibilidade de inclusão das diferenças de forma, comportamento e aptidão física na Educação Básica.

Notas

- ¹ Corpo somático é o corpo sensível, pensante, subjetivante.
- ² Para Débora Pereira Bolsanello (2011, p. 306), Educação Somática é um campo teórico-prático composto de diferentes métodos cujo eixo de atuação é o movimento do corpo como via de transformação de desequilíbrios mecânico, fisiológico, neurológico, cognitivo e/ou afetivo de uma pessoa.
- ³ CAPES - Banco de Teses e Dissertações; CAPES - Portal Periódicos; IBICT - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações; UFMG / UNISINOS / UERJ - Biblioteca Digital – busca Básica, Título e Resumo; PUCRS / UFRGS / PUC RIO / USP / PUC SP / UFSC - São Carlos – busca Básica, Título e Resumo; e SCIELO - Scientific Electronic Library Online, com o descritor: Educação Física Escolar e Educação Somática. Busca realizada de 02/05/2016 a 05/05/2016.
- ⁴ Resolução Nº 4 CNE/CEB, de 13 de julho de 2010 (Brasil, 2010).

- ⁵ Corpo-eu, aos modos de como Merleau-Ponty o entende, corpo movimento. Esse corpo que não é apenas orgânico, mas existencial, vívido, *corpo-próprio*, nossa unidade de existência que nos dá acesso ao mundo através de gestos, atitudes e posturas, de certo distanciamento do corpo inerte, visual apenas.
- ⁶ Para Strazzacappa e Morandi (2006), as técnicas corporais e de dança de Klaus Vianna e Angel Vianna fazem parte do conjunto de movimentações usadas por diversos educadores somáticos no Brasil.

Referências

BOLSANELLO, Débora Pereira (Org.). **Em Pleno Corpo**: educação somática, movimento e saúde. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2010.

BOLSANELLO, Débora Pereira. A educação somática e os conceitos de descondição gestual, autenticidade somática e tecnologia interna. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXIII, n. 36, p. 306-322, jun. 2011.

BOLSANELLO, Débora Pereira. **Educação Somática**: ecologia do movimento humano – pensamentos e práticas. Curitiba: Juruá, 2016.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1996. P. 27833.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Resolução CNE/CEB, n. 4, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, 14 de julho de 2010. Seção 1. P. 824.

BRASIL. CAPES. Ministério da Educação. **Sobre as Áreas de Avaliação**. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>>. Acesso em: 08 jun. 2016.

COSTA, Priscila Rosseto; STRAZZACAPPA, Márcia. A quem possa interessar: a educação somática nas pesquisas acadêmicas. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 39-53, jan./abr. 2015.

DJAVAN, Antério; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. Corpo subjetivado: conceitos e significados para a educação. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Cascavel, v. 10, n. 18, p. 67-73, 2011.

FERREIRA, Heraldo Simões. **Educação Física Escolar e Saúde em Escolas Públicas Municipais de Fortaleza**: proposta de ensino para saúde. 2011. 191

f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Associação Ampla (UECE/UFC/UNIFOR), Fortaleza, 2011.

FLECK, Ludwik. **Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico**. Tradução de Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010. [1935].

HANNA, Thomas. **Corpos em Revolta**: a evolução-revolução do homem do século XX em direção à cultura somática do século XXI. Rio de Janeiro: Mundo Musical, 1972.

HANNA, Thomas. What is somatics? **Somatics: Magazine-Journal of the Bodily Arts and Sciences**, New York, v. 5, n. 4, p. 4-8, 1986.

MENDONÇA, Maria Emília. **A Psicomotricidade e a Educação Somática à Luz da Psicanálise Winnicottiana**. 2007. 268 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MILLER, Jussara. **Qual é o Corpo que Dança?**: dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus, 2012.

OLIVEIRA, Antonio Ricardo Catunda da; SARTORI, Sérgio Kudsi; LAURINDO, Elisabete. (Org.). **Recomendações para a Educação Física Escolar**. Rio de Janeiro: Confef, 2014.

SOUSA, José Carlos. A história da educação física como disciplina escolar no Piauí: de 1939 a 1975. In: CONBRACE. Territorialidade e Diversidade Regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a educação física e ciências do esporte, 19., 2015, Vitória. **Anais...** Vitória/ES, 2015. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/download/SuppFile/7414/4665>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

SOUZA, Beatriz Adeodato Alves de. **Corpo em Dança**: o papel da educação somática na formação de dançarinos e professores. 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a Arte e a Docência**: a formação do artista da dança. Campinas: Papirus, 2006.

VIEIRA, Marcilio Souza. Abordagens Somáticas do Corpo na Dança. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 127-147, jan./abr. 2015.



VILARTA, Roberto; BOCCALETTO, Estela Marina Alves (Org.). **Atividade física e QV na Escola**: conceitos e aplicações dirigidos à graduação em educação física. Campinas: IPES, 2008.

Fábio Soares da Costa é doutorando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Especialista em Supervisão Escolar pela Universidade Federal do Rio Janeiro e Licenciado em Educação Física pela UFPI. Professor da Secretaria de Educação do Estado do Maranhão.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0790-6916>

E-mail: fabio.costa.002@acad.pucrs.br

Janete de Páscoa Rodrigues é professora associada do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduada em Educação Física pela UFPI, com mestrado em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutorado em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1118-6360>

E-mail: janeteufpi@gmail.com

Andreia Mendes dos Santos é professora da Escola de Humanidades e Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Editora-Chefe da Revista Educação/PUCRS. Possui Mestrado e Doutorado em Serviço Social (PUCRS). Estágio Pós-Doutoral na Faculdade de Serviço Social/PUCRS e Estágio Recém-Doutor na FAENFI/PUCRS.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7013-0239>

E-mail: andrea.mendes@pucrs.br

Este texto inédito também se encontra publicado em inglês neste número do periódico.

Recebido em 18 de janeiro de 2018

Aceito em 25 de maio de 2018

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Errata: A Educação Somática como Perspectiva Inclusiva nas Aulas de Educação Física Escolar

DOI 10.1590/2237-266079769E

No artigo “A Educação Somática como Perspectiva Inclusiva nas Aulas de Educação Física Escolar”, DOI 10.1590/2237-266079769, publicado no periódico Revista Brasileira de Estudos da Presença, v. 9, n. 1, e79769, 2019, na página 16.

Onde se lia:

O desenvolvimento das movimentações é orientado por doze pilares, aqui apresentados:

1. *Observar*: desenvolver a capacidade de investir sua atenção na observação crua, ou seja, um interesse por aquilo que é observado como fenômeno nu, sem a roupagem de julgamentos, análise nem interpretação.

2. *Preparar*: adotar uma posição adequada antes de fazer os exercícios.

3. *Variar o ritmo*: retardar ou acelerar o tempo de nascimento desenvolvimento-morte do movimento.

4. *Sentir*: descer ao Reino das Sensações.

5. *Reconhecer o impulso motor*: perceber a iniciação do gesto, de onde o movimento nasce e até onde ele chega, no meu corpo e fora dele.

6. *Modular o tônus*: adequar o tônus ao tipo de esforço a ser realizado.

7. *Conscientizar-se do ‘como’*: colocar sua atenção no processo do movimento.

8. *Reorganizar*: que caminhos encontro para fazer movimentos não habituais?

9. *Fazer conexões*: há conexões entre a minha maneira de mover-me e minhas dores, queixas, emoções, pensamentos, relações sociais, valores?

10. *Integrar*: aprender a diferenciar o antes e o depois da aula.

11. *Expressar*: apropriar-se das experiências e comunicá-las aos demais.

12. *Transferir*: reconhecer a transferência de aprendizagem e testemunhar as possíveis mudanças na qualidade dos gestos cotidianos ligados ao aprendizado da aula.

Leia-se:

O desenvolvimento das movimentações é orientado por doze pilares, aqui apresentados (BOLSANELLO, 2016, p. 102):

1. *Observar*: desenvolver a capacidade de investir sua atenção na observação crua, ou seja, um interesse por aquilo que é observado como fenômeno nu, sem a roupagem de julgamentos, análise nem interpretação.

2. *Preparar*: Orientar-se em adequada posição antes da execução dos exercícios.

3. *Variar o ritmo*: variar o tempo de “nascimento desenvolvimento-morte” dos movimentos realizados.

4. *Sentir*: “descer ao Reino das Sensações”.

5. *Reconhecer o impulso motor*: ter a percepção de quando o gesto inicia, ou seja, o início e o término do movimento, dentro e fora do corpo.

6. *Modular o tônus*: adequação da tonificação corporal ao tipo de esforço.

7. *Conscientizar-se do ‘como’*: no movimento, orientar sua atenção ao processo.

8. *Reorganizar*: “que caminhos encontro para fazer movimentos não habituais?”

9. *Fazer conexões*: questionar as relações entre a forma como me movo e as dores, queixas e emoções que sinto, meus pensamentos, relações sociais, e valores.

10. *Integrar*: aprender a diferenciar o antes e o depois da aula.

11. *Expressar*: apropriar-se das experiências e comunicá-las aos demais.

12. *Transferir*: Entender como acontece a transferência de aprendizagem, testemunhando as mudanças qualitativas dos gestos cotidianos aprendidos na aula.



Nas referências inclui-se:

BOLSANELLO, Débora Pereira. **Educação Somática**: ecologia do movimento humano – pensamentos e práticas. Curitiba: Juruá, 2016.